ANO 5.º — N.º 217. Guimarãis, 29 de Março de 1936. O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO NO CONCELHO. Número avulso 50 ctvs.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERÊSSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e impressão: Tip. Minerva Vimaranense

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA DE CENSURA

EDITORIAL

UNIDADE VIMARANENSE

Por mais que as palavras se repitam, dia a dia, hora a hora, que sejam as mesmas, a soarem aos nossos ouvidos, mas que traduzam singela e sinceramente as aspirações e desejos de todos, elas nunca podem ser motivo de enfado para as pessoas de boa crença e que, como nós, estejam animadas daquele espírito que quere as coisas nos seus lugares, por elas sacrificando o seu próprio bem-estar, a sua tranqüilidade, mesmo até os seus interesses pessoais.

Na verdade, temos lutado de bom grado pelas prosperidades de Guimarãis, nunca cansando nem esmorecendo na luta encetada, antes cada vez mais sentimos entusiasmo por ela, empregando todos os esforços, ainda os mais árduos e temerosos, pelo bom nome da nossa querida terra, que não pode nem deve estar à mercê das mal-querenças, vaidades ou paixões pessoais dos que, porventura, as colocam ou têm colocado acima do bem geral, só vendo as coisas por aquele lado que mais os satisfaz nos seus caprichos ou no seu amor-próprio.

Tem que se pensar a sério, desprezando-se, por prejudiciais à colectividade, todos os mal-entendidos, nos altos interêsses citadinos e concelhios, chamando-se a colaborar todos os valores morais, intelectuais e espirituais desta boa e linda terra, não se procurando saber das afinidades políticas ou religiosas dêsses mesmos valores, contando apenas com a vontade e o carinho que possam prestar-lhe ou dispensar-lhe. No dia em que tal acontecimento fôr um facto, no dia em que todos nós possamos constatar tão necessária como indispensável colaboração, todos dando as mãos num belo e magnífico exemplo o qual é e deve ser o de uma bem entendida aproximação de tôdas as pessoas cultas e inteligentes, então o povo vimaranense terá ocasião de dizer com verdadeira satisfação que chegou, alfim, a hora do progresso a esta sua Guimarãis, que se não tem caminhado no sentido do desenvolvimento material e moral de tôdas as suas actividades, não é porque lhe falte raízes próprias, mas por que os seus homens dão-se mais ao prazer de tratar de coisas que de maneira alguma podem ser-lhe úteis, isto é, olhando mais às pessoas cujas crenças não sejam as suas, embora nelas reconheçam inteligências mais que suficientes para poderem prestar à sua terra os seus melhores serviços. Já não é de hoje êste nosso pensamento e, por mais de uma vez, o temos aqui manifestado clara e insofismàvelmente, não sendo, como acima se diz, de mais repeti-lo, pois, procurar o entendimento dos indivíduos em todos os seus sectores da vida pública, é o mais sagrado dever que se impõi cumprir, mòrmente nesta hora em que é preciso darmos o maior exemplo de patriotismo perante as outras terras que embora mantenham, como nós, maneiras de vêr diferentes no campo político e social, quando julgam que é indispensável a união dos homens para o bem comum, esquecem os agravos de paixões que os dividem para bem servirem as suas localidades.

Cumpram os seus deveres os vimaranenses com responsabilidades maiores ou menores no progresso e desenvolvimento de Guimarãis, se bem querem merecer da posteridade as homenagens de gratidão, mostrando-se à altura do quanto podem e valem, nas esferas governativas do Poder Central, impondo e fazendo respeitar os vitais interesses desta Terra, mas sempre e sempre, sem tibiezas nas palavras ou arrefecimentos de entusiasmo, até que sejam restituídas e mantidas as velhas aspirações dos vimaranenses.

E' esta a nossa política — a política do Concelho — por que nos batemos e lutamos sem um desfalecimento, impondo-se a todos a contribuïção da sua quota parte, por mais pequena que seja, estabelecendo e criando a verdadeira, a forte, a sã **Unidade Vimaranense.**

AFONSO FRANÇA.

Quem fala verdade?

Confirmadas em absoluto as palavras escritas pelo sr. Capitão Duarte Fraga, nas colunas dêste jornal, e uma vez que o autor e actor de tôda esta farsa se mostra arrependido — o que vale em alguns homens o poder doutrinário! — cumpre ao ex.mo Presidente da Câmara vir ilucidar o público das causas que determinaram a sua falsa posição ao autorizar a publicação do ofício dirigido à ex.ma Direcção Executiva «Pró-Monumento», afim de se poder aquilatar e descobrir aonde está a verdade.

Caleiros

Apesar da ameaça de aplicação de sanções — isto é que é saber de política internacional! —, os caleiros dos prédios citadinos continuam em estado lastimável, tornando se impossível o trânsito pelos passeios das principais artérias.

Chuva do céu e... banhos de chuva — eis o nosso sofrimento desta quadra invernosa que teima... em não deixar entrar a Primavera.

Problemas instantes

E' bem verdade que urge resolver os problemas instantes da nossa Terra.

Reconhecem-no todos os pacientes, resignados e sofridos habitantes citadinos e verificam-no todos quantos o acaso faça entrar as barreiras de Guimarãis.

Problemas inadiáveis, patentes e indispensáveis, sem a resolução dos quais nos veremos distanciados e afastados daquele gráu de civilização que nos é devido e que, de mal estar, só aproveita aos intrometidos e lambisqueiros.

Unguibus et rostro

Nunca a máxima latina teve tão bôa aplicação.

Com unhas e bico, o sr. António Lopes vem defender-se da acusação que «um nome de probidade» lhe dirigiu, desfazendo uma emmaranhada teia, só para poder revelar-se *menina ingénua*... quando a sua desgraciosidade nos diz tratar-se de *menina sabida* e bisbilhoteira.

A probidade

A probidade é a verdadeira nobreza, que não se dá nem se tira por cartas, nem casos de fortuna.

Quem a usar, não poderá nunca ter um deslize ou pretender impingir gato por lebre — contraditando-se em jeito de homem que possui um nome probo mas a quem a vaidade tirou o senso comum.

Lixo, lixo e ainda lixo

Quem passar à rua de Paio Galvão, constata que a vassoura camarária ainda não varreu por ali, tal a quantidade de lixo e lâma que naquela artéria se observa.

Ao prolongamento da rua que vai em direcção a Santa Luzia, nisso, então, nem é bom falar...

Lixo, lixo e ainda lixo.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a nossa 4.ª página.

VIMARANENSES!

Árdua luta vai ferir-se dentro da cidade e concelho a que todos pertenceis. A ela ninguém poderá furtar-se porque a *metralha* irromperá de todos os sectores, despejada por uma falange aguerrida, capitaneada pelo bravo vimaranense João Teixeira de Aguiar. Dos escombros dessa humaníssima luta — cremo-lo bem — há-de surgir triunfante e esplendoroso o monumento aos vossos irmãos da Grande Guerra, redimindo-se assim esta Terra bendita do aviltamento de uma dívida que contraíu há já desoito anos! Só então aqueles que viveram o calvário das tórridas plagas africanas e das gélidas e ensangüentadas trincheiras da Flandres, terão a sua hora de redenção e de justiça.

Dr. Joaquim de Oliveira Tôrres, antigo Combatente, Professor do Liceu e 1.º Secretário da D. Exc. «Pró-Monumento».

Luís Filipe Coelho, 2.º Secretário da Direcção Executiva «Pró-Monumento».

Às Comissões que tomaram sôbre si o encargo de angariar donativos, já lhes foram distribuídos os respectivos sêlos. Delas fazem parte pessoas de elevada posição social e também pessoas humildes. Umas e outras, porém, vão trabalhar para a mesma causa, tornando-se necessário que a tôdas seja dispensado o mesmo acolhimento, quer da parte dos ricos, quer da parte dos pobres, contribuíndo cada um com o mais que puder para o fim em vista.

Nós sabemos bem que a época que atravessamos é assás difícil para o pequeno comércio e sobretudo para as classes obreiras. Mas nem porisso deixamos de acreditar no sacrifício e na abnegação de todos os trabalhadores. Eles saberão, uma vez mais, cumprir o seu dever de vimaranenses e de portugueses.

O Monumento assim levantado, com o sacrifício de todos — sacrifício que nem de longe nem de perto se assemelha àquele que os gloriosos soldados fizeram pela nossa amada Pátria e pelo bom nome da sua querida Guimarãis — terá mais valor, será mais digno.

Que importa o que sôbre isto possam dizer os despeitados e os derrotistas?! Nós julgamos que a ninguém, absolutamente a ninguém, cabe o direito de procurar impedir os Vimaranenses de cumprirem o seu sacrossanto dever!

Que todos, pois, se solidarizem e unifiquem nesta cruzada bendita — Pró-Monumento!...

Belgatour.

Inscrições

Manuel de Guimarãis, o esforçado e entusiasta propagandista do monumento aos Mortos da Grande Guerra do Concelho de Guimarãis, pretende que a inscrição *Heróis da Grande Guerra*, inscrita na maquete concebida pelo espírito formoso de Duarte Fraga e a que deu forma artística a superior técnica escultórica de Henrique Moreira, seja substituída por *Mortos da Grande Guerra*.

Uma inscrição, que é a representação sintética de um sentimento, é sempre difícil. Curtas palavras, que bem signifiquem a emoção de uma alma nem sempre são bem interpretadas.

Manuel de Guimarãis raciocina com a lógica, mas Duarte Fraga sentiu, vibrou intensamente, ao conceber êsse monumento e ao seu espírito surgiu a inscrição, que propõi.

Realmente os monumentos concelhios, todos os monumentos que em tantas terras do País rememoram a página histórica da nossa participação no conflito mundial, são monumentos consagrados aos Mortos da Grande Guerra. O monumento de Lisboa — Monumento Nacional — tem idêntica evocação.

A iniciativa dêstes monumentos pertence ao magnífico agrupamento dos Homens Bons, que constituem a «Junta Patriótica do Norte», a cujos destinos preside essa alma de eleito, que é o preclaro Cidadão, Professor Dr. Alberto de Aguiar.

Outra agremiação de antigos combatentes, realizou a ideia de erigir nos teatros de operações de Marinheiros e Soldados portugueses, os monumentos Padrões da Grande Guerra, que consagram o esfôrço da intervenção militar de Portugal, glorificando os Mortos, exalçando as lágrimas e os sofrimentos de uma cruel incerteza de todos os instantes de ausência, que a Mulher portuguesa suportou, não esquecendo a heròicidade ou os actos de abnegação dos que lutaram ou serviram os combatentes. Esses Padrões marcam o sacrifício de uma geração.

Guimarãis não quer apenas evocar os seus gloriosos Mortos da Grande Guerra. Vai saldar nobremente a sua enorme dívida e quer recordar quantos partiram para o Mar Atlântico — *mare nostrum* — para Angola, para Moçambique e para o antigo Sector Português, na Flandres Francesa, e aí foram no cumprimento serêno do maior dever cívico — o dever militar. E' o seu direito. Há uma inscrição, que creio bem traduzirá o sentimento de patriótica gratidão que inspira os vimaranenses que levam a têrmo essa bendita tarefa — *Soldados da Grande Guerra* — inscrição que todos abrange na mesma evocação, desde o Chefe Superior das Fôrças ao ignorado e resignado soldado de um pôsto africano, da tripulação de um navio ou de uma sentinela nas trincheiras — Marinheiros e Soldados — a todos compreendendo no amplexo generoso do reconhecimento de Guimarãis pelos seus Naturais, que foram Combatentes da Grande Guerra.

Lisboa, 6 de Março de 1936.

Henrique Pires Monteiro
Coronel.

Mortos da Grande Guerra

Mortos da Guerra, sim, e não a **Heróis da Guerra!**
Pois não é só a heróis, que em Africa se bateram,
Que se ergue o **Monumento!** O **Monumento** encerra,
Em si, todo o amor a todos que morreram!

Mortos da Guerra, sim, e não a **Heróis da Guerra!**
Pois não é só a heróis, que em Flandres combateram,
Que se ergue o **Monumento!** Aos que da nossa Terra
Ergueram Portugal, por Portugal morreram!

E' ao **serrano** humilde, ao rude cavador,
Àquele que deixou na aldeia o seu amor,
Seu palminho de terra, o sonho e seus confortos!

E' ao ninguém, ao grande e nobre lusitano,
Militar de galões, humílimo **serrano**,
A todos, por igual, pois são iguais os mortos!

Fevereiro de 1936. DELFIM DE GUIMARÃIS.

UM BENEMÉRITO.

José Pereira Tôrres Carneiro

Sufragando a alma de quem, em vida, foi um Homem de formosíssimos dotes de coração e de bondade, realizam-se, àmanhã — comemorando o primeiro aniversário do falecimento do grande benemérito vimaranense, o saüdoso José Pereira Tôrres Carneiro, — no templo da Misericórdia, pelas 11 horas, solenes exéquias, promovidas pelas Mesas da Santa Casa da Misericórdia e V. O. T. de S. Francisco.

Sem ostentações, antes vivendo com aquela modesta virtude que é apanágio dos espíritos verdadeiramente superiores às vaidades do mundo, Tôrres Carneiro, que foi um homem rico depois duma intensa luta cheia de trabalho e de sacrifícios ingentes, bem digno se torna destas homenagens religiosas, prestando-se à sua sempre lembrada memória a gratidão pelo Bem que praticou, deixando o seu nome, que o saüdoso morto dizia sempre humilde, ligado a uma larga e carinhosa Obra de Caridade e Beneficência. Possuidor de grandes bens de fortuna, todos os legou aos pobres da sua terra, cujo gesto nobre o tornou ilustre e credor do respeito e gratidão de todos nós, pois Tôrres Carneiro, que viveu muitos anos ausente daqui, não se esqueceu dos pobres e parentes seus da sua linda aldeia de Serzedelo, do nosso concelho. A's duas primeiras instituições de Guimarãis legou êle a sua fortuna, superior a dois mil contos, igualmente contemplando as demais casas de caridade da nossa terra.

Lembrar aos vivos o nome de tão prestimoso cidadão que bem soube espalhar a beneficência, eis o nosso dever — dever de preito e saüdade que as duas dignas Mesas da Santa Casa e V. O. T. de S. Francisco, cumprem, e ao qual nos associamos inteiramente.

Refreando a maledicência

O nosso prezado colaborador, sr. Capitão Manuel da Silva, em carta dirigida aos palafreneiros «... da Grei», obriga o mais honrado irmão de S. Francisco a mostrar-se em tôda a hediondez do seu carácter, não só pondo em foco a sua grosseira obtusidade mas também desfibrando-o nas suas pacholices, tão infamantes como as misérias de sacrílega delacção.

— Benza-se! — porém não se misture com aqueles que fazem da sua religião uma questão de Fé!

De tudo... um pouco

Recordam-se os leitores do que foi dito aqui sôbre os desejos manifestados pela Liga Agrária do Norte, os quais eram o de fazer canalizar para as nossas Províncias Ultramarinas os trabalhadores rurais? Pois bem. Foram dados os primeiros passos com a partida para Angola dum grupo de famílias metropolitanas, dando-se início a núcleos de colonização ao longo da linha férrea de Benguela.

Oxalá, a iniciativa do sr. Ministro das Colónias dê os frutos indispensáveis no sentido de uma boa propaganda da Africa Portuguesa, de que tantos se atemorizam. Tornava-se necessário, por urgente, tal empreendimento, mòrmente nos tempos actuais em que, uma vez por outra, a cubiça estranjeira deita olhares rapaces para terrenos alheios.

Já dissemos aqui que o querer penetrar no fôro íntimo de cada um é crime grave que não admitimos a ninguém, principalmente naquelas pessoas que se julgam com todos os direitos e mais um: — o de procurarem por todos os meios e fins levar a discórdia onde só a paz deve reinar, vendo só aquilo que convém às suas seráficas inteligências maldosas, que de tudo malsinam, pervertendo ainda os mais simples pensamentos.

Estas criaturas são, de duas uma: ou estúpidas de entendimento, o que é mais natural, ou perversas e criminosas até à medula, o que, a ser assim, vale bem as pessoas afastarem-se delas o mais possível, livrando-se dum contágio que lhes pode ser prejudicial.

No primeiro caso são dignas de piedade, porque delas é o *reino dos céus;* no segundo, merecem só o desprêzo das pessoas de bem ou, então, trazê-las prezas de mãos e pés para não... praticarem diabruras.

Por que não cedemos dos nossos direitos, e ainda porque sabemos das obrigações e deveres que temos a cumprir para com os nossos leitores e com a opinião pública, caminhamos sem tergiversar, cada vez mais e melhor senhores do que julgamos ser de utilidade para com a terra que nos viu nascer, desprezando todos os ódios e tôdas as más-vontades dos que só procuram a deturpação, chamando a si a vã glória de serem os únicos a defenderem a terra...

CONVITE

Para comemorar o 1.º aniversário do falecimento do grande benemérito e ilustre vimaranense José Pereira Torres Carneiro, de saüdosa memória, as Mesas da Santa Casa da Misericórcia e da V. O. T. de S. Francisco resolveram promover exéquias por tão grande Benfeitor, no dia 30 do corrente, pelas 11 horas, na Igreja da Misericórdia, e por isso convidam todos os vimaranenses a assistir aos piedosos actos do culto por alma daquele que tam generosamente contemplou as instituições de beneficência desta cidade.

Guimarãis, 25 de Março de 1936.

(71)

GAZETILHA

O' meu S. Pedro, eu vos rogo
Mandeis a chuva parar,
Pois bem vêdes que afogo
Se isto isto assim continuar...
Chobe êsta, não passa logo,
Chove sempre sem parar.

Fechai lá essas torneiras
Abertas há cinco meses,
Sabeis não haver caleiros,
E a chuva até por vezes
Torna em rios os passeios
E causa grandes revezes.

De Santo só tens o nome,
Pois se isto assim continua
Tudo morrerá de fome.
Terei de fugir p'rá lua,
E não sai, bem me consome,
A procissão para a rua.

Mas deixemo-nos de tretas,
Pois eu vos peço, com mágua,
P'ra trocar a chuva de água
Por chuva de picaretas.

CLAROS.

O QUARTO CENTENÁRIO DA MORTE DE GIL VICENTE

Guimarãis pretende comemorar, com dignidade e relêvo o quarto centenário da morte de Gil Vicente.

Dentre as várias terras portuguesas que disputam com orgulho o bêrço do genial criador do teatro português, é, em bôa verdade aquela a que mais títulos exibe da sua legitimidade.

Se os fundamentos para lhe atribuír outra naturalidade, são mais ou menos conjecturais, mais ou menos habilmente deduzidos, os que a fixam em Guimarãis resultam do depoimento dum quási coevo e pessoa que, pelo seu cargo e reputação, deve merecer crédito.

Ora D. António de Lima, genealogista de tomo, filho do alcaide-mor da então vila, fidalgo de solar, e ao que parece relacionado com a família do poeta afirma-o terminantemente nêste passo disvelado pela primeira vez pelo seu maior biógrafo: «D. António de Meneses... casou com D. Valeria Vicente, filha de Gil Vicente, natural de Guimarãis... que fazia os autos que foy o que melhores e mais graciosos e substanciais até agora fez em Portugal...»

Ora vai para três mêses o sr. Manuel Alves de Oliveira, director da revista «Gil Vicente», bastião de inteligente nacionalismo, numa interessante entrevista concedida ao «Correio do Minho», lançou, nobremente a ideia da erecção dum monumento naquela cidade, comemorando o quarto centenário da sua morte, plausivelmente pelos fins de 1536.

Não bastam consagrações literárias de maior ou menor vulto, é necessário nesta época de renovação espiritual, pagar uma elementar dívida de gratidão ao glorioso precursor de Lopo de Vega, Tirso de Molina e Calderon, a trindade famosa do ciclo de oiro do teatro peninsular.

Se ao sr. Alves de Oliveira cabe a iniciativa dessa lembrança é preciso que ela tenha a sanção do Estado e o apoio de tôdas as autarquias e institutos de cultura do País. Há que agitar, portanto, com entusiasmo e com tenacidade essa ideia, há que fazer germinar a semente lançada à terra por aquele distinto jornalista.

O dia 8 de Junho, feriado municipal em Guimarãis, destinar-se-ia a essa comemoração e seria um dos números do programa do 28 de Maio. Lançar-se-ia assim nêste dia a primeira pedra do monumento.

Sendo assim não ha tempo a perder porque nos restam pouco mais de dois mêses e àparte a entrevista do sr. Alves de Oliveira não sei que mais alguma coisa se tenha feito.

Urge que se organize com indispensável urgência uma grande comissão de honra, sob a presidência do venerando Chefe do Estado e da qual façam parte, pelo menos, os srs. Presidente do Conselho, Ministro da Instrução, presidentes da Academia e das duas Câmaras e representantes de outros institutos de cultura, àlém pelo menos do governador civil do distrito e do presidente da Câmara de Guimarãis. E, porque se trata duma consagração eminentemente nacional é necessário que a ela, fervorosamente adiram tôdas as energias colectivas e individuais. E' que Gil Vicente, como Camões, é mais do que uma alta expressão da nossa actividade literária, é um símbolo: o criador do teatro português e o formidável animador da dramaturgia peninsular. A sua projecção pode ainda rastrear-se no teatro europeu. Dêle escreveu não há muito Angel Valbuena: «Portugal tiene la honra de posseer el primer dramaturgo hispano anterior a Lope, como en la pintura peninsular com Nuno Gonçalves el primeiro de los primitivos».

Não é demais repetir o conceito em que o tinha o grande crítico literário Menendez y Pelayo quando escrevia estas palavras singularmente significativas: «Aos olhos dêste grande poeta anima-se e vivifica-se a própria natureza e as montanhas familiares e sagradas da sua pátria aprendem a falar».

E já que vem a pêlo, não me dispenso de recordar aos portuenses, tão orgulhosamente ciosos das suas tradições, o pagamento duma outra dívida de honra: o monumento a Garrett.

Daqui a dois anos passa um século sôbre a primeira representação de «Um auto de Gil Vicente», cujo prólogo é o canon da nova dramaturgia.

Se Gil Vicente foi o criador do nosso teatro, Garrett fez o milagre da sua ressurreição.

Há 60 anos escrevia Calvo Asensio (El teatro hispano-lusitano) estas palavras duma flagrante oportunidade: «Se Gil Vicente echó las semillas aunque en tierra mal preparada para el fruto, Garrett en nuestros dias consigue enlazar con aquela gloriosa tradicion su propria obra, abriendo anchos y desconocidos horisontes a los ingenios de su patria».

Que 1936 seja, portanto, o «ano de Gil Vicente»; mas vamos preparando o 1938, o «ano de Garrett».

E' que 1502, com o «Monólogo do Vaqueiro» e 1838 com «Um auto de Gil Vicente», são os dois marcos gigantescos do nosso teatro, aquele teatro estruturalmente português, porque exprime, como nenhum outro, o nosso substracto lírico.

.....

Jorge de Faria.

Do «Diário da Manhã».

Mário de Sousa Menezes

Num dos últimos números do *Notícias de Guimarãis* dissemos que a Mêsa da V. O. T. de S. Francisco louvou o nosso querido amigo e distinto Professor sr. Mário de Sousa Menezes, pela Campanha inteligente que, na imprensa, vem fazendo a fa-

vor da Oficialização das Escolas da mesma Venerável Ordem — campanha que S. Ex.ª iniciou e sustentou com tôda a persistência durante muito tempo nas colunas do nosso jornal.

Porque só agora tivemos conhecimento dos termos do ofício que foi dirigido àquele nosso ilustre amigo, damos-lhe publicidade no presente número e renovamos as nossas felicitações pela justiça que acaba de ser feita a quem tanto carinho e dedicação tem demonstrado pelas coisas de Guimarãis.

Segue o ofício.

Ex.mo Sr. Mário de Sousa Menezes — Guimarãis.

Â Mêsa que administra esta Venerável Ordem 3.ª de S. Francisco não tem passado desapercebidos os bons serviços e esforços que V. Ex.ª lhe tem prestado, na imprensa, pugnando com muito brilho e tenacidade pela oficialização da sua escola do sexo masculino a cargo da mesma Ordem.

Aguardava, porém, a Mêsa — que já por vezes tem solicitado, superiormente, a oficialização — que o seu pedido fôsse atendido, tão justo êle é, para, então, exprimir a V. Ex.ª todo o seu reconhecimento e considerá-lo, sem favor, «Irmão Benemérito» desta Venerável Ordem.

Mas a oficialização da nossa escola continua no esquecimento, dando-nos a triste impressão de que não vale a pena servir, com dedicação, estas instituições de Beneficência.

Quis V. Ex.ª voltar à imprensa com um elucidativo e bem redigido artigo publicado no diário «Correio do Minho» de 8 do corrente, em defesa da oficialização da Escola da Ordem 3.ª de S. Francisco.

E' possível que o Magistrado superior do Distrito, tão solícito na defesa dos interêsses desta terra, atenda o pedido de V. Ex.ª.

Deus o queira! Não posso, por mais tempo, deixar de manifestar a V. Ex.ª o profundo reconhecimento da Mêsa, a que tenho a honra de presidir, enviando-lhe com os nossos melhores agradecimentos tôda a ternura gratíssima de que o seu coração é capaz.

A Bem da Nação.

Guimarãis e Secretaria da Venerável Ordem 3.ª de S. Francisco, 10 de Março de 1936.

O Ministro,

(a) *João Gomes de Abreu Lima.*

Secção Científica

Reflexão sôbre Potências

(cont. do n.º anterior)

Tendo já tratado dos quadrados, referir-me-ei às potências imediatas, no presente quadro:

Pot.s	Prod.s	1.as dif.s	2.as dif.s	3.as dif.s	4.as dif.s	5.as dif.s
1^3	1					
		7				
2^3	8		12			
		19		6		
3^3	27		18			
		37		....		
4^3	64		....			
....	....	....				
$1,5^3$	3,375					
		12,25				
$2,5^3$	15,625		15			
		27,25		6		
$3,5^3$	42,875		21			
		48,25		6		
$4,5^3$	91,125		27			
		75,25		....		
$5,5^3$	166,375		....			
....	....	....				
1^4	1					
		15				
2^4	16		50			
		65		60		
3^4	81		110		24	
		175		84		
4^4	256		194		....	
		369		....		
5^4	625		....			
....	....	....				
1^5	1					
		31				
2^5	32		180			
		211		390		
3^5	243		570		360	
		781		750		120
4^5	1.024		1.320		480	
		2.101		1.230		....
5^5	3.125		2.550		....	
		4.651		....		
6^5	7.776		....			
....	....	....				

Estão conhecidas as diferenças finais, necessárias, das potências 3.ª à 5.ª: Para determinar o produto potencial da raíz imediata, basta ler, somando, a última diagonal do quadro; ex.: $6,5^3 = 166,375 + 75,25 + 27 + 6 = 274,625$. Para ir prolongando o mesmo quadro basta no ponteado, à direita, repetir a diferença final e ir descendo para a esquerda, integrando-a no último valor da coluna anterior, e integrando cada total obtido no último valor da coluna precedente; exemplo: para 7^5 e no ponteado: 120; $480 + 120 = 600$; $1.230 + 600 = 1.830$; $2.550 + 1830 = 4\,380$; $4\,651 + 4.380 = 9.301$; $7.776 + 9.031 = 16.807$.

Do exame do quadro resulta:

1.º: A diferença final distancia-se com o aumento de expoente da raiz, tendo por indicador o próprio expoente; ex. dif. fin. para expoente 5 a 5.ª diferença;

2.º: O valor da diferença final relativo a um expoente é igual ao produto dêle pela diferença final obtida para o expoente anterior; ex.: dif. fin. para expoente 5, a $= 24$ do expoente $4 \times$ exp. $5 = 24 \times 5 = 120$;

3.º: Para determinar a diferença final é preciso utilizar tantos produtos potenciais seguidos quantos o expoente da raiz $+1$; ex.: para expoente 4, produtos 5;

4.º: Todo o produto de potência com a decimal 5 termina em 5, e os das potências cúbicas formam ciclo de 4 variantes da parte decimal;

5.º: Tôdas as 1.as diferenças de números inteiros seguidos, ou de números mixtos com última decimal 5, seguidos também, são quantidades ímpares;

6.º: Tôda a diferença final, a acrescer à anterior até ao produto potencial, é quantidade par; ex.: 6, 24, 120;

7.º: A razão de ser, constante, de a leitura diagonal soma da produzir o produto potencial imediato deriva de que a diferença final vai sendo acrescida às anteriores que a não incluiam como soma.

Chegado ao fim desta peregrinação pelas formas potenciais, com a demonstração da sua autonomia e interdependência, segreda-me o íntimo: — Se o idealismo é a verdade, porque o não aplicas dedutivamente à vida social? E a minha razão pondera: — E' que há verdades teóricas e verdades práticas, tal como a da rotação da terra uma e do ocaso do sol outra. E mais que isso: Quem tem culpa do feitio com que nasça? E o meu foi sempre de abstracções. Por isso me fico entre os números.

A. A. Magalhãis e Silva.

Ribeiro, Filho

ALFAIATE

Convida os Ex.mos Clientes e amigos a visitarem a sua casa, e a examinarem os artigos de alta novidade, do sortido que recebeu para a estação de verão, com os preços marcados, do fato pronto a vestir, que tem em exposição na sua vitrine, e, além dêsses, muitos outros, que apresenta para escolher na sua casa, ao Largo do Conselheiro João Franco, desta cidade. (3)

DA CIDADE

O 33.º aniversário da Banda dos B. V. — Esteve em festa na última quarta-feira, por motivo da passagem do 33.º aniversário da sua fundação, a apreciada Bandda dos B. V. de Guimarãis, da digna regência do nosso prezado amigo sr. Joaquim Guise. Cumprindo fielmente o programa anunciado, percorreu as ruas da cidade executando o seu hino, enquanto que no ar ecoavam salvas de morteiros. No templo de S. Francisco foi celebrada uma missa por alma dos componentes falecidos e na Casa do Ensaio da Banda realizou-se uma sessão solene que decorreu com muito entusiasmo.

A Banda apresentou cumprimentos ao Comando dos B. V. e às autoridades, saüdou a imprensa, tendo vindo também cumprimentar o *Notícias de Guimarãis*, gentileza que aqui agradecemos.

Na Pensão Comercial realizou-se na noite daquele dia um Banquete de Confraternização, que decorreu com muita alegria.

O *Notícias de Guimarãis*, felicita o digno regente da Banda e, na sua pessoa todos os componentes daquele grupo artístico que muito honra a nossa terra.

Simão da Costa Guimarãis — Comemorando o 3.º aniversário do falecimento dêste prestante cidadão vimaranense, que foi ilustre primeiro comandante e grande benemérito da Corporação dos Bombeiros Voluntários de Guimarãis, mandou esta instituïção humanitária celebrar, no domingo, uma missa, a que assistiram todo o corpo activo com a respectiva banda de música, sócios protectores e beneméritos e muitas pessoas. O acto teve lugar na Basílica de S. Pedro e não na igreja da V. O. T. de S. Francisco, como prèviamente fôra anunciado, em virtude do mau tempo.

Durante a missa a banda executou algumas marchas adquadas ao acto.

Aposentação — Foi concedida a aposentação com a pensão anual de esc. 7.542$00, ao rev. Francisco José Ribeiro, pároco da freguesia de S. João de Ponte, dêste concelho.

Escola de S. Torcato — Acaba de ser colocado, em comissão, nesta escola, o sr. João Roberto Teixeira de Sepúlveda, digno professor do Quadro Geral.

Grupo Dramático Vimaranense — Este aplaudido grupo vimaranense vai realizar pela ocasião das festas da Páscoa, dois atraentes espectáculos no salão de festas do Asilo de Santa Estefânia, para os quais vão ser postos à venda, dentro de alguns dias, os bilhetes de admissão.

Baile na Assembleia — Como já noticiamos, realiza-se no sábado de Aléluia, no salão de festas da Assembleia Vimaranense, um elegante baile que promete atingir o maior brilho, estando já convidadas muitas famílias.

Aniversário lutuoso — Passou, na última segunda-feira, mais um aniversário do falecimento do nosso conterrâneo, sr. Manuel Fernandes da Silva Correia, que foi solicitador desta Comarca.

Missa do sufrágio — Um grupo de operários que foram colegas de Domingos de Freitas, há meses falecido, mandam celebrar na próxima segunda-feira, dia 30, às 7 horas da manhã, no templo da V. O. T. de S. Francisco, uma missa por sua alma.

Pedindo a captura duns gatunos — O sr. administrador de Paços de Ferreira, telegrafou, à autoridade administrativa, dêste concelho, pedindo a captura de uns gatunos, caso sejam encontrados, neste concelho, e a apreensão de objectos roubados da Câmara Municipal daquele concelho.

Festa das Dôres em S. Francisco — Na próxima sexta-feira, dia 3 de Abril, realiza-se, com tôda a solenidade, no majestoso templo de S. Francisco que está sendo luxuosamente decorado pelas casas Eugénio & Novais e João Augusto Passos, desta cidade, a imponente solenidade das Dôres em honra da Máter-Dolorosa, que constará de missa solene, a grande instrumental, às 11 horas e sermão, Te-Deum e bênção do SS.mo às 20 horas, devendo assistir às cerimónias da noite, as autoridades locais e outras pessoas de representação no nosso meio.

Como temos noticiado, o sermão foi confiado ao talentoso orador rev.º Dr. Leonardo de Castro, o que corresponde a dizer que vamos ter ocasião de ouvir uma brilhante peça de oratória-sacra.

A orquestra está a cargo do rev.º Manuel Alaio, de Braga.

Procissão de Passos — Realiza-se hoje, se o tempo o permitir, a majestosa Procissão de Passos, sem dúvida alguma o mais imponente cortejo religioso que se realiza no norte do País e que aqui costuma atraír muitos milhares de pessoas.

No religioso préstito tomam parte as Irmandades do Senhor dos Passos e da Misericórdia, clero, grande número de figurado, etc., etc., fechando-o a Banda dos B. V.

Em seus ricos andores serão conduzidas as imagens do Senhor dos Passos e Nossa Senhora da Soledade e sob o Pálio será igualmente conduzida a Sagrada Relíquia do Santo Lenho.

A Mêsa da Irmandade dos Santos Passos a que dignamente preside o nosso bom amigo sr. José Pinheiro, não se tem poupado a esforços para que a Procissão de hoje tenha tôda a imponência.

Ontem, à noite, estiveram em exposição, como de costume, as venerandas imagens. O templo estava ricamente decorado e profusamente iluminado com muitas centenas de luzes e no côro, um excelente grupo de vozes entoou o "*Miserêre*".

Muitas centenas de pessoas acorreram àquele templo, a orar e levar as suas esmolas à milagrosa imagem do Senhor dos Passos.

Conferência de S. Vicente de Paulo — (Homens) — Pelo relatório que temos presente desta instituïção vimaranense, referente ao ano findo, a sua acção de beneficência continua a merecer das almas generosas todo o seu auxílio material e moral, distribuíndo, pelos pobres envergonhados, géneros alimentícios, pão, socorros em dinheiro, subsídios para renda de casas, e cobertores e mantas.

Bem merece o carinho de todos esta verdadeira obra de caridade cristã, pois os seus protegidos são, a bem dizer, pessoas envergonhadas, às quais são feitas visitas domiciliárias semanais pelos sócios activos, inquirindo das suas necessidades, amparando-os e confortando-os moralmente.

Pêsames — Por motivo do falecimento dum seu cunhado, ocorrido ùltimamente em Calendário (Famalicão), enviamos os nossos sentidos pêsames ao querido amigo e inteligente director do prezado colega famalicense «Estrêla do Minho», sr. José Casimiro da Silva, digno gerente da «Tipografia Minerva» daquela vila.

Pedido de demissão — Pediu a demissão do cargo de vogal correspondente do Conselho Superior de Belas Artes, neste concelho, o sr. Alfredo Guimarãis, director do Museu Regional de Alberto Sampaio.

Conferência — Promovida pela Pia Associação dos Amigos do Sagrado Coração de Jesus, realiza-se no próximo domingo dia 5 de Abril à noite, num dos vastos salões da cidade, uma conferência (só para homens) em que falará o eminente orador sagrado, o Rv. Dr. Leonardo de Casiro, sendo a entrada feita por convites.

De luto — Pelo falecimento da extremosa avó de sua espôsa encontra-se de luto o nosso bom amigo e estimado farmaceutico local sr. José A. Pereira, a quem apresentamos condolências.

Grupo Cénico "Mocidade Alegre" — A pedido de alguns admiradores dêste popular grupo vimaranense, vai o mesmo realizar no Salão de Festas do Asilo de Santa Estefânia, em meados do próximo mês de Abril, um grandioso espectáculo de declamação, para o qual já está activamente ensaiando, sob a direcção de um ensaiador competentíssimo. O programa, que é levado à cena pela primeira vez, nesta cidade, é deveras atraente e de agrado certo.

Para abrilhantar êste espectáculo já está convidada uma excelente Orquestra-Jazz, de Braga, organizada pela distinta pianista vimaranense, ex.ma sr.ª D. Margarida Policarpo Teixeira.

Escutismo — Como já noticiámos realiza-se hoje, solenemente, a inauguração do grupo de Escutas da freguesia de N. S.ª da Oliveira.

Cumprimentos — Apresenta-os, mui respeitosamente, o *Notícias de Guimarãis* ao seu ilustre colaborador e querido amigo sr. dr. Américo Durão, distinto Chefe da Secretaria da Câmara Municipal, pelo desgôsto profundo que acaba de sofrer com a perda de um seu lindo filhinho, cujo falecimento ocorreu há dias.

Ainda a Festa da S. M. S. — Por um lamentável lapso, deixamos de referir-nos à sr.ª D. Teresa de Jesus da Costa Nogueira e Almeida, que, na qualidade de professora da Escola Oficial do Asilo de Santa Estefânia, tem sido premiada pelos seus talentos de professora distintíssima, mais uma vez lhe cabendo a honra de receber o prémio pecuniário, correspondente ao maior número de crianças apresentado ao exame de 2.º grau, na última festa escolar, promovida pela Soc. Martins Sarmento. A S. Ex.ª os nossos cumprimentos.

Caixa Escolar da Escola "Francisco de Holanda" — Por iniciativa da activa direcção desta Caixa Escolar, que procura por todos os meios ao seu alcance contribuir, tanto quanto possível, para os fins para que foi criada a simpática instituição, deve realizar-se no dia 19 de Abril próximo, no Salão de Festas da Escola, um atraente espectáculo pelo «Grupo Dramático União do Pôrto». O programa, a que num dos próximos n.os daremos publicidade, promete atraír à Escola Industrial e Comercial grande número de espectadores, como desejamos.

DINHEIRO

Empresta-se. sôbre hipoteca. Informa esta Redacção.

Carta de Lordelo

Lordelo, 24.

Nesta época de valentes penitências, tempo do lavadoiro quaresmal das almas, também nós vimos penitenciar-nos, aqui, pùblicamente, de não ter tratado de muitos problemas de Lordelo, com o devotamento, que êles merecem.

Não nos pesa a falta de sinceridade.

Também nos não pesa qualquer movimento de alma menos digno da imparcialidade e independência, com que sempre quizemos apontar qualquer assunto, que fôsse de interêsse público.

Não faltam remordimentos e acachapadas trovoadas em copos de agua. A seu tempo, elas troarão...

Não é nossa a culpa de nos não fazermos compreender, ao menos pelo lado do supremo interêsse de Lordelo, porque, verdade seja, que há sempre quem não pense nêle, se em alguma coisa foi ferido o orgulho próprio, e interêsse ou o tal prestígio, que nos provoca intensa vontade de rir.

Penitenciemo-nos, pois, de não têr sabido calar algumas coisas, que tôda a gente diz, cautelosamente, quási em segrêdo, para que não cheguem aos ouvidos do sr. Fulaninho...

Não queremos fazer-nos ousados, mas covardes também não.

E, pôsto isto, à maneira de exame de consciência desta correspondência impertinente e abelhuda (perdoai-nos, ó santíssima gente, de alma cândida, sacrificada e abnegada!...) vamos tornar às vacas frias cá da terra. Frias e magras.

Continua tudo como dantes, com tendência para piorar.

Passemos, como gato por cima de brazas, na questão apaixonada da mudança de Concelho. Bem sabemos que é coisa de monta, assunto grave e de muita importância—quantos benefícios nos haviam de vir pela mudança de dôno! —, mas como não temos mêdo que nos pônham duas albardas, por enquanto não resolvemos tomar o caso a sério...

De resto isso é coisa tão fácil, que até se faz a brincar...

Vamos, que, ao menos, já para coisa bem importante, histórica e de monta (comprometemo-nos a afirmar que escrevemos esta palavra com bom sentido e só depois nos lembramos de que pode ter outro significado...) serviu o Salão Paroquial, ou Salão-qualquer coisa, visto que não sabemos bem como é o seu chamadoiro oficial.

Ficará na história de Lordelo, a lembrar pelas idades em fóra, que foi ali que um punhado de homens se reüniu em conjura, alguns dos quais se impõem à nossa consideração separatista, por causa do preço do chouriço, da orelheira, do chispe e mais partes apetitosas dos porcos! Só por causa de tão bons bocados já vale a pena ser conjurado! Santo António e àvante!

Mas está nos agora a parecer que estamos a brincar com coisas muitíssimo sérias. Para isso não há nada como um seriíssimo ponto final.

Vamos aos caminhos.

Nêste ponto, sômos a voz do que clama no deserto: — "aplanai os caminhos, endireitai e tapai os seus barrancos!"

—Senhor!, nós não vivemos em terra de pretos, embora isso nos seja prègado à mistura com o Evangelho. Só esta consideração deve ser motivo para que não tenhamos os caminhos todos num selvagem abandôno!

Bem merecemos nós que sômos brancos (preto será êle!...) podermos andar sem arranjar entorses, que obriguem a penteeiro.

Também merecemos não nos encharcar tanto! Senhor!, se isto assim vai sempre, vós, dentro em breve vereis esta parte da humanidade, que habita em Lordelo, com membranas de natação, como as dos patos!

Mísera condição a dos nossos caminhos e a dos nossos pés!

Aquela já célebre estrada de Lovazim tem, em abundância, barbos, trutas e fanecas!

Tôda a fauna aquática, que se há de pescar e levar de presente... (não digo a quem).

Mas, sôbre caminhos, repitamos, nós sômos a voz do que clama no deserto: — "aplanai os caminhos, senhores! Endireitai as suas verêdas!

Outro assunto:

Escolas! Escolas!

Mas como se há-de tratar delas, assoberbados uns com a ida para Santo Tirso, outros a pensar nos foguetes da Meia-noite, êstes a querer uma tôrre bonita, aqueles, caminhos e fontes, uns a fixar-se no "poleiro", outros a pensar no "penacho" e quantos outros na bolota?!

E' um santo arraial de desórdem, sem uniformidade de vontades, sem sizo e sem nada. Sem nada, literalmente, nada! Louvado seja Deus! E ainda se ouve para aí que Lordelo é, quanto a *homens*, um miserável... Não é, não. Graças a Deus, é mentira!

Lordelo tem pelo menos, um homem para cada tolice pública e ainda sobram alguns, para poderem fazer qualquer coisa que se veja.

Metam os homens de bôa vontade de Lordelo a mão na consciência (estamos na Quaresma...) e digam-nos se não será muito melhor unirmo-nos todos à mesma Causa, que é a única que a todos interessa: — Lordelo.

Lordelo, com o interêsse de todos os lordelenses e não o de duas meias dúzias dêles!

Digam-nos, sem caluniar ninguém, se é ou não verdade que uma das grandes desuniões de Lordelo, geneatriz de tanto mal-estar, ruinosa para a nossa vida colectiva, partiu da maneira como tem sido interpretada e mantida a palavra dada e a honra abonatória dela!

Falem verdade! Não caluniem!

Ora deixemo-nos de inutilidades e de dissipar o tempo com a admiração do brilho duma lata (e que lata!) velha que temos tomado por um sol doirado.

E, em vez de prègar e praticar desuniões — vamos à Grande União.

Pró-Lordelo — título duma associação de intensa vida colectiva, que, se nunca existir, de facto, seja, ao menos o pensamento, a norma e a acção de todos os Lordelenses!

C.

P. S. — Pedimos o favor, a-pezar-de todo o veneno de que todas estas correspondências são capazes, às pessoas que nelas se julgarem atingidas, de lerem duas ou três vezes o que suponham dizer-lhes respeito, para que não afirmem depois o que nunca foi escrito, nem passou pelo pensamento do Correspondente. — *C.*

Notícias pessoais

No «Notícias»

Acompanhados pelos nossos bons amigos, srs. Alberto Gomes Alves e José Mendes Ribeiro Júnior, deram-nos a honra da sua visita os srs. Rolf Hellmuth, delegado para Portugal de «A Vitória de Berlim» e J. Ferreira Alves, gerente em Portugal da «Legal & General Assurance Society; L.ª.

— Também nos deram o prazer da sua visita os nossos bons amigos srs. José Maria Pinto de Almeida, solícito correspondente do *Notícias* em Lordelo, Eduardo Rodrigues Machado, Armindo de Freitas Lima, Luís Gonzaga Rodrigues Machado e José Maria de Sousa Pereira, da mesma freguesia e José Ferreira dos Santos, nosso estimado correspondente em Briteiros.

— Estiveram entre nós os estimados comerciantes portuenses e nossos amigos srs. Luís de Oliveira Barros, Fernando Borges Nogueira e André Martins de Barros.

Aniversários

Faz anos na próxima terça-feira, dia 31, o nosso prezado amigo sr. Pedro Nunes de Freitas.

— Passa hoje o aniversário natalício do laureado académico, António de Carvalho Jacinto, filho do nosso estimado amigo sr. José Jacinto Júnior, que se encontra no Sanatório em Vila Nova de Gaia, a tratar da sua saúde.

— Passou há dias o aniversário natalício do nosso bom amigo sr. Francisco Laranjeiro dos Reis.

A todos apresentamos as nossas felicitações.

Doentes

— Tem experimentado algumas melhoras a dedicada esposa do nosso querido amigo e ilustre colaborador sr. Dr. Américo Durão. Desejamos o seu pronto restabelecimento.

— Está gravemente enfêrmo o sr. António José Pereira da Silva Lima.

— Encontra-se gravemente enfêrma a sr.ª D. Maria Antónia de Moura Nunes, espôsa do nosso bom amigo sr. José Maria Nunes, estimado empregado da secretaria do Liceu Martins Sarmento, e cunhada do também nosso bom amigo rev. Gaspar Nunes, ilustre director do Internato Municipal. Desejamos as melhoras dos doentes.

BAR de S. Torcato

Prima pela qualidade dos Vinhos Verdes da Região — Tintos e Brancos — encarregando-se também da execução esmerada dos bons e apetitosos petiscos, tudo a preços razoáveis.

O seu proprietário agradece a visita ao Bar de S. Torcato de todos os seus amígos.

(65)

Armando Ribeiro Pinheiro.

DESPORTO

Outra carta

Recebemos a seguinte carta:

... Sr. Director do «Notícias de Guimarãis».

Venho novamente junto de V. ... pedir a fineza de dar publicidade, nas colunas do seu bem conceituado jornal, a minha resposta ao que, no penúltimo número do «Notícias», diz a meu respeito o colaborador desportivo sr. Almeida Ferreira.

Reconhecido, subscrevo-me com a máxima consideração.

De V. ...

Crd.or Mt.º Obg.o

José Alves Pinto.

Ainda nós, sr. Almeida Ferreira!

Não se assuste, porque o esfôrço que neste momento faço para me dominar, conseguirá que eu lhe não responda como merece.

Não somos só nós, os dois, a lêr o «Notícias de Guimarãis».

Vou procurar apenas pôr em evidência a convicção dos seus raciocínios.

O sr. escreveu: — «... conseguiu então dividir irmãmente o prejuíso pelos dois «teams»... etc.

Agora, escreve: — «O Vitória foi sempre beneficiado, até que o seu desejo preconcebido, a tal ideia fixa, foi abertamente desmascarada, quando brindou o grupo da casa com um penalty.. E até ao fim da 1.ª parte e na 2.ª, essa norma foi sempre seguida, embora se notasse o intuito de disfarce».

Que devemos concluir, sr. Almeida?

Prejudiquei os dois grupos, como diz primeiro, ou beneficiei sempre o Vitória, como afirma depois?

Isto é um pouco de pomada na sua incoerência, para que dê mais na vista.

O sr. escreve, escreve sempre, e se as suas conclusões brigam por antagónicas, quem quizer que o compreenda, não eu, que não suporto absurdos.

O sr. lêu com os olhos fora das órbitas a minha afirmação de que não só se permitia criticar a parte técnica; mas, com franqueza, não vejo motivo para semelhante admiração.

Pois se ninguém lhe reconhece competência para êstes empreendimentos, quem deve ficar pesplexo, sr. Ferreira?

Eu respondo pelo sr. recordando-lhe aquela felicíssima frase de Apeles.

* * *

Como quero ser breve, permita-me esta verdade:

— Abandone a técnica de futebol «Association», porque esta coisa, embora lhe não pareça, exige faculdade de compreensão.

. . . . . .

Como o sr. êste caso também não mais me interessará, nem a sua «baqueta dura», tão dèbilmente manejada, que caíu nas oscilações de inofensiva pendula de relógio de sala.

Guimarãis, 19 de Março de 1936.

José Alves Pinto.

N. R. — Com a publicação desta carta, damos por terminado o incidente; apenas, porém, queremos dar uma explicação das reticências: substituem uns períodos que julgamos fora dos hábitos e normas dêste jornal.

FESTAS GUALTERIANAS

Como prometemos, damos hoje publicidade à carta do nosso querido amigo sr. António de Sousa Lima:

... Sr. Director:

Em 22 de Fevereiro p. p., o «Bêrço da Grei» publicou, em editorial, um artigo soburdinado à epígrafe *Festas da Cidade*. Porque discordasse de algumas afirmações contidas nêsse artigo e porque julgasse dever meu tornar pública essa discordância, escrevi, sôbre o assunto, para o jornal que V. ... tão brilhantemente dirige, uma carta a que foi dada publicidade no n.º 214, do dia 8 do corrente. Em resposta à minha carta, publica o referido jornal, no seu último número, que só hoje pude lêr, uma local, intitulada *Festas Gualterianas*, escrita em termos que não são próprios de uma gazeta que se tem na conta de usar da mais extremada correcção jornalística.

Com efeito, nessa resposta é evidente a preocupação exclusiva, não de discutir os meus pontos de vista, mas de, a propósito de uma pretensa deficiência gramatical, me colocar em situação ridícula perante os que a lêssem.

Não sei, não posso, não devo responder, por minha vez, a quem me responde assim, acobertando-se com um anonimato pouco dignificante.

Tendo eu assumido expressamente, com a minha assinatura, a responsabilidade do que escrevera, era da mais elementar correcção que quem me respondeu procedesse de igual maneira. Não o fez.

E' justo, pois, que eu espere do «Bêrço da Grei» a revelação do nome do autor da mencionada local, para eu saber o caminho que hei-de tomar, porque, de duas uma: — ou se trata de alguém que mereça resposta, e tê-la-à; ou se trata de pessoa que eu entenda não merecer qualquer resposta, e, nêste caso, outro terá de ser o meu procedimento.

A maledicência, a insinuação, a picuínha torpe, e outros mais agentes de dissolução, têm contribuído em larguíssima escala para entravar o progresso e o bem estar da nossa querida Terra, digna de tôdas as homenagens e merecedora de todos os proveitos. Não raras vezes, as intenções dos melhores são desvirtuadas pelos piores, e quando aparece alguém com bôa vontade de acertar e de servir Guimarãis, logo aparece igualmente um qualquer a criar-lhe obstáculos, a dificultar-lhe o caminho. Resultado: quási nunca nos entendemos — nós, os vimaranenses — em casos em que todos poderíamos estar de acôrdo, sem prejuízo da ideologia de cada um. Não será tempo de mudar?

Novo ainda e sem dotes excepcionais, nunca fiz, nem poderia fazer, pela minha Terra, coisa que mereça vulto; mas o pouco que lhe tenho dado do meu esfôrço deve merecer o respeito que é devido a todos os que trabalham de boa fé.

Bem desejaria eu não ter de escrever estas palavras, tão avêsso sou à publicidade; porém, as circunstâncias forçaram-me, e eu espero que o meu bom amigo lhes reservará um cantinho do «Notícias». E' favor que desde já lhe agradece o

A. S. Lima.

DESPORTO

Leixões, 1 Vitória, 0

Comentários...

Foi uma derrota que não assombra, o 1 a 0 de Leixões. Perder pela tangente fora de casa, em meio estranho, é façanha que não desdoura qualquer, mesmo que, tal resultado, seja conseguido em competição de campionato e em disputa duma final. Aborrece, quando as esperanças fruíam mais intensamente e a convicção do valor do Vitória era mais firme e acentuado. Admira, porque um êrro de orientação inferiorizou a equipe, consentindo um desaire, quando as possibilidades dum triunfo pendiam sôbre si, o premiar a sua acção, a sua qualidade e o seu valor.

Reconhecem, tôdas as críticas dos jornais diários, — o bom jôgo do «team» vimaranense na primeira parte do encontro. Os vaticínios da vitória, eram mesmo indicados ao adversário do Leixões.

Na segunda parte, surge o inesperado «volte-face», e as possibilidades acumuladas na parte anterior, desaparecem, mercê da errada orientação de se defender para assegurar o resultado que o favorecia.

De sempre, a melhor defesa foi o bom ataque. Hoje, os sistemas evoluíram com os ensinamentos que o tempo se encarrega de ministrar, e um grupo pode jogar actualmente à defesa, sem que restrição alguma seja prejudicial ao ataque. O médio centro recuado a terceiro bak, os médios lateraís colocados a meio do terreno, os interiores mais atrazados a servirem o ataque e socorrerem também a defesa o «team» não permite assim a investida do adversário, sem ficar com a competente resposta.

Os três avançados, centro e extremos, adiantados, impedem o domínio cerrado, e a defesa dos contrários colocada em vigilância atenta dentro dos limites dos seus lugares. A vantagem dêste método reside precisamente em ter três homens sempre no ataque, e a defesa ter cinco, para opôr aos cinco adversários avançados. Os austríacos, há pouco, no Pôrto, exibiram êsse sistema com geral agrado, e em Lisboa, os alemãis, mostraram conhecerem bem os seus segredos.

Enfim, pertence já ao passado e a história dessa final fica na memória de cada um, sòmente, a lembrança duma boa ocasião perdida. Da lição recebida, todos devem ter presente, para em igual oportunidade não mais errar.

Esforcem-se agora para que a «Taça do Minho» a disputar, seja o prémio de consolação a mitigar a desagradável má sorte que impenitentemente o tem perseguido.

Almeida Ferreira.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço deixamos de dar publicidade, neste número, a vários artigos já compostos, entre os quais «Os Portugueses na Etiópia no século XVI», da autoria do nosso prezado colaborador sr. Oliveira Abrantes.

Novos Assinantes

Pediram a assinatura do Notícias de Guimarãis mais os srs.: João Antunes da Silva e Afonso Antunes da Silva, do Rio de Janeiro.

Muito agradecidos.

Okay--Okay--Okay...

E' uma linda camisa
Tabú, e só custa 22$50

A' venda na

Casa das Gravatas

Limpeza e afinação de máquinas de escrever.

Pessoa de probidade, encarrega-se.

(72) Toural n.º 2 — Guimarãis.

Passa-se por motivos de partilhas, um estabelecimento de ferragens, bem situado, com larga clientela em junto e retalho. Bom emprego de capital.

R. de St.º António, 83, 85 e 85 A.

(61)

Curso de Contabilidade

Guarda-livros devidamente habilitado, lecciona pràticamente, caligrafia, correspondência, escrituração e cálculo comercial, garantindo o aproveitamento.

Aceitam-se alunos.

Informa-se na redacção. (51)

Distinção, Beleza e bom tom,

adquirem-se com os já célebres produtos NALLY.

A sua vasta colecção encontra-se na

CASA DAS GRAVATAS.

(48)

Pela Câmara

Sessão de 26 de Março:

A C. A. da Câmara aprovou por unanimidade as seguintes propostas, apresentadas pelo vereador sr. A. L. de Carvalho:

Escolas Centrais

Proponho que seja encarregada a Repartição Tecnica de elaborar o projecto de obras nos edifícios das Escolas Centrais para fazer face à importância de 12.000$00 de comparticipação oferecida pelo Estado, simultâneamente, a proposta de contracto a enviar à Repartição dos Edifícios Nacionais do Norte.

Paços dos Duques de Bragança

Proponho que se renove o oferecimento feito pelo Município ao Estado, respeitante ás madeiras para o travejamento dos Paços dos Duques de Bragança, não só como patente testemunho de interesse porque a projectada obra de restauro se inicie, mas ainda para uma possível arrumação dos serviços públicos. Que desta proposta se dê conhecimento aos ex.mos Ministros das Obras Públicas e Educação Nacional, porquanto o referido Monumento está afecto aos dois Ministérios.

Planta Geral

Proponho que se solicite do Ex.mo Ministro das Obras Públicas o comêço do estudo destinado ao levantamento da planta Geral da Cidade, conforme com a própria iniciativa da lei governamental, pois que esta se torna indispensável, não só para uma perfeita coordenação no desenvolvimento do aglomerado urbano, mas ainda também para se poder dar plena efectivação à lei n.º 438 de 15 de Setembro de 1915, relativa ás expropriações por Utilidade pública.

Traje popular

Proponho que a Câmara tome a iniciativa de mandar ao concurso de Trajes Regionais a realizar em Maio na cidade de Lisboa, alguns figurinos correspondentes ao modo de vestir do nosso povo do campo, visto tratar-se de um concurso com objectivos de cultura artística e popular muito apreciáveis.

Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes

Ordem de Serviço N.º 11

Esta Comissão Executiva, para atender reclamações justificadas, e dentro do espírito do Decreto n.º 26.363, que manda defender a Região dos Vinhos Verdes, resolveu permitir a entrada de vinho maduro, com as características legais, sòmente para uso doméstico, em quantidades mínimas de 100 litros, o qual, portanto, nunca poderá ser pôsto à venda.

Este fornecimento será feito nas seguintes condições:

a) Os negociantes armazenistas requererão à Comissão de Viticultura, as guias de importação e trânsito.

b) O vinho importado poderá transitar em vasilhas de qualquer capacidade, mas as vasilhas de cada um dos lotes serão numeradas a óleo ou a fôgo e serão marcadas também com o nome comercial da firma importadora.

c) A Comissão passará guias de importação e trânsito, a cada um dos importadores, respeitantes à quantidade de vinho que lhe couber no rateio da ocasião.

Estas guias serão visadas, em trânsito, pelos agentes ao serviço desta Comissão.

d) Logo que o vinho importado chegue ao seu destino, os fiscais desta Comissão deverão colher uma amostra de cada vasilha, para se verificar se corresponde às características indicadas no referido Decreto, e só então será concedida autorização para venda aos particulares.

e) Cada importador terá uma conta corrente com a Comissão de Viticultura, respeitante aos vinhos importados.

A venda dêste vinho só poderá efectivar-se mediante novas guias de trânsito e venda, que lhe serão passadas pelo respectivo Vogal Concelhio desta Comissão de Viticultura.

f) Fica vedada a mistura de vinhos importados, com os vinhos verdes regionais, conforme determina a lei.

g) Esta Comissão reserva-se o direito de negar autorizações futuras para importações, aos negociantes que não observarem estas regras, bem como as que tiverem sido concedidas.

Os requerimentos, em duplicado, são dirigidos ao Presidente desta Comissão, sendo o original em papel selado e reconhecido.

Esta Comissão mandará comunicar directamente aos interessados qual o despacho dado aos seus requerimentos.

Para que qualquer particular possa adquirir êste vinho, far-se-á munir de uma guia passada pelo Vogal Concelhio da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, sem a qual o fornecedor não poderá fazer a venda seja a que pretexto fôr.

A Bem da Nação.

Porto e Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, 12 de Março de 1936.

O Presidente,

a) *Manuel de Espregueira e Oliveira.*

FALÊNCIA

2.ª publicação

Por sentença de 14 do corrente mês, foi declarado, em estado de falência, o comerciante António José de Araújo, casado, residente no largo de Martins Sarmento e com estabelecimento no largo do Primeiro de Maio, desta cidade, o qual, para isso, se apresentou voluntàriamente ao tribunal, e isto em virtude de haver cessado pagamentos há menos de dez dias e ser o seu activo inferior ao passivo. Para a reclamação de créditos foi fixado o prazo de quinze dias, que começará a contar-se da primeira publiçação dos anúncios num dos periódicos da comarca, sendo nomeado administrador da falência António Rodrigues da Rocha, solteiro, da rua do Dr. José Sampaio, desta cidade.

Guimarãis, 16 de Março de 1936

O chefe da 2.ª secção,

Serafim José Pereira Rodrigues.

Verifiquei a exactidão. (64)

O Juiz de Direito,

Artur Valente.

ESPINGARDA

Merkel de canos sobrepostos, quási nova, vende Umberto Guimarãis Pinheiro — Guimarãis. (54)

FALÊNCIA

1.ª publicação

A requerimento de Manoel dos Anjos, casado, industrial, desta cidade e por sentença de 20 do corrente mês, foi julgado em estado de falência Fernando Alves Marques, casado, comerciante, com estabelecimento no lugar da Corredoura, freguesia de S. Torcato, mas morador no lugar do Bairro do Brazil, freguesia de Urgezes, desta comarca, sendo nomeado administrador da massa falida António Rodrigues da Rocha, desta cidade e para a reclamação de créditos foi designado o prazo de quinze dias a contar da última publicação do presente anúncio.

Guimarãis, 21 de Março de 1936.

O Chefe interino da 1.ª Secção,

Euripedes Eleazar de Brito.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

(69) *Artur Valente.*

DO CONCELHO

Caldas das Taipas, 26.

Duas festas se realizaram no decurso do ano findo, que marcaram pelo seu alto significado civico e moral.

A 16 de Março completava os seus 70 anos o ilustre professor Ex.mo Sr. Manuel José Pereira, que há 46 anos exercia, nesta povoação, com todo o zêlo e proficiência o magistério primário.

Atingia, então, o limite de idade, sendo em face da lei forçado a abandonar as suas funções. Por tal motivo um grupo de alunos mais dedicados promoveu em sua honra uma grande manifestação de simpatia, provando assim à evidência o quanto estimam e veneram.

Essa festa simples mas brilhante, não foi mais, afinal, que o cumprimento de um dever para com quem tanto trabalhou pela causa da instrução, guiando e ensinando os seus alunos a quem dedicava tôdas as suas atenções.

Prof. Manuel José Pereira

Professor exímio e exemplaríssimo sempre soube honrar a distinta classe de que foi precioso ornamento, mostrando nos seus longos 46 anos de exercício as suas óptimas qualidades de homem e de pedagogo.

Ensinava com carinho e raríssimo era infligir castigos aos seus discípulos; o seu coração estava sempre disposto a perdoar as nossas diabruras.

Foi com tal linha de conduta que êle soube conquistar grandes simpatias, criando nos seus alunos amigos sinceros e dedicados que desejam e rogam a Deus que lhe conserve a existência por largos e indefenidos anos.

A S. Ex.ª, cujo aniversário passou no pretérito dia 16, apresentamos os nossos cumprimentos.

— Da outra festa nos ocuparemos no próximo número.

C. C.

Briteiros, 25.

O tempo, não obstante a quadra da Primavera, bem digna de melhor sorte, continua frio e demasiadamente chuvoso, tendo posto muitos caminhos e estradas quási intransitáveis, senão mesmo intransitáveis, e tornado os campos em verdadeiros pântanos, o que está causando sérios embaraços aos lavradores; porém, «dura lex, sed lex», e «quem manda, pode».

— Até agora, os professores primários do concelho de Guimarãis recebiam — segundo nos consta — o seu ordenado, pessoalmente ou por intermédio de terceiros que, para o efeito, apresentassem o bilhete de identidade do professor a que o ordenado dizia respeito, e do dia 1 em diante do mês imediato ao do respectivo vencimento.

Agora, porém, segundo também nos consta, o dito ordenado só será, para o futuro, entregue directamente ao respectivo professor, na Tesouraria de Finanças dêste concelho, e sem se querer saber se o destinatário está doente ou, de qualquer forma, impossibilitado de ali comparecer. Não sabemos, nem isso nos interessa, se tal medida parte dali ou vem de cima, e se, por conseguinte, terá ou não razão de ser.

Porém, tal medida, a ser levada por diante e à risca, traz grandes transtornos ao Professorado Primário, se atendermos a que muitos professores moram longe da sede do concelho, outros estão ou podem encontrar-se doentes e, ainda outros, pôsto que se encontrem aptos para dar aulas nas suas escolas, e para as quais não precisam de se deslocar muitos metros, não podem, todavia empreender viagens de dezenas de quilómetros, quer a pé, quer de carro, devido à sua pouca saúde.

Acresce ainda que, muitos professores, devido a não terem outros meios de que viver, senão o seu ordenado, estão sempre à espera dêle, como uma alma justa espera o dia da sua Redenção. E, como o dia 1 calha, a maior parte das vezes, em dia lectivo, e, por isso, êles não se podem deslocar senão às quintas-feiras, em virtude das aulas, e da respectiva repartição de Finanças fechar relativamente pouco tempo depois daquelas encerrarem, e como nem pode deixar de ser, causa-lhes grande transtorno. Achamos justo que, em tais casos, ao menos um atestado médico, ou documento idêntico, fôsse o bastante para o Ex.mo Tesoureiro fazer o pagamento por intermédio de terceiros que, para o efeito, fôssem munidos do bilhete de identidade do professor a quem o ordenado dizia respeito, uma vez que o respectivo recibo fôsse assinado pelo verdadeiro destinatário, e atendendo a que o dito bilhete de identidade é sempre, em tais casos, confiado a pessoa idónea, pois, em outros casos e a outras pessoas, nunca êle é confiado.

Chamamos, pois, para o caso, a atenção da Repartição e Autoridades competentes, convictos de que Justiça será feita.

Não queremos, aqui, melindrar quem quer que seja, tanto mais que, como acima dizemos, não sabemos se tal medida parte da Tesouraria de Finanças, se vem de cima.

De qualquer maneira, porém, acreditamos que ela tenha sido tomada na melhor das intenções. O que desejamos e pedimos é que ela seja devidamente estudada nos seus diferentes aspectos, atendendo-se aos casos supra-citados.

— Conforme noticiamos há dias, esteve aqui, na quinta-feira transacta de visita a seu filho e «Quinta da Igreja», o Ex.mo Snr. Dr. João Antunes Guimarãis, ex-Ministro do Comércio e Indústria, e ilustre Deputado da Nação.

Sua Ex.ª é sempre muito bem vindo.

C.

S. Torcato, 28.

A Comissão A. de Junta desta freguesia, em seu ofício de 21 do corrente mês, solicitou do Ex.mo Inspector-Chefe do Distrito Escolar de Braga, o preenchimento do lugar de professor oficial vago, na escola do sexo masculino de S. Torcato, o que todos os habitantes muito agradecem a Sua Ex.ª o digno Inspector-Chefe, para que se digne o mais rápido possível providenciar neste sentido, pois que ficam nesta freguesia grande número de crianças abandonadas sem terem quem lhes ministre a instrução.

Com ansiedade todos os habitantes aguardam as estimáveis ordens de Sua Ex.ª, o que muito agradecem.

— A-fim de tratar dos seus negócios, fixou residência permanente na cidade de Braga, o nosso amigo sr. José Mendes Meira, da casa de Poveiras, desta freguesia, que por êste motivo deixa de fazer parte da Comissão A. de Junta de S. Torcato.

Fazemos votos pelas suas prosperidanes.

— Passou a fazer parte da Comissão A. de Junta desta freguesia, em substituíção do cidadão sr. José Mendes Meira, o proprietário sr. António José de Amorim.

— No domingo passado, acompanhado de sua família, visitou esta estância o industrial de Guimarãis sr. Amândio Martins de Melo.

— Na próxima semana, realizam-se na igreja matriz desta freguesia os confessos gerais anuais, para os quais o digno abade tem já rogados muitos confessores, para o auxiliarem nesta missão cultual que termina com a quaresma a desobriga dos seus paroquianos.

— No parque continua grande actividade de pessoal, no desatêrro para a construção do futuro lago; se não fôsse os constantes aguaceiros impedirem o trabalho, isto ia rápido.

Oxalá que a divina providência se compadeça de nós.

— No pretérito domingo, visitou famílias de sua amizade nesta localidade, a professora oficial da escola de Creixomil, sr.ª D. Ana Rosa Pinto Leitão.

— A digna professora oficial desta freguesia, sr.ª D. Elisa Ribeiro Marques, trabalha activamente, fora do horário, a-fim de habilitar as meninas que tencionam fazer exame de instrução primária, no corrente ano lectivo, o que é digno de aprêço, a boa vontade empregada na boa execução dêste maravilhoso serviço, que os pais muito agradecem àquela ilustre senhora.

— Na vizinha freguesia de Gonça, audaciosos larápios, assaltaram no domingo passado, a habitação do sr. Artur Fernandes Russo, roubaram-lhe um cordão e corrente de ouro e tôda a carne de porco da salgadeira, tudo avaliado na quantia de 2.000$00. Vai averiguar-se.

C.

SOCIEDADE PROTECTORA DOS ANIMAIS de Guimarãis

A-fim-de se dar cumprimento ao disposto nos Estatutos da Sociedade Protectora dos Animais, com séde na Rua da República, n.º 22, desta cidade, convido os Srs. associados para uma reünião da Assembleia Geral, que se realizará no dia 5 do próximo mês de Abril, pelas 10 horas, na referida séde.

Nesta reünião tratar-se-á da prestação e aprovação de contas e da eleição dos corpos gerentes.

Não comparecendo número legal de sócios, fica esta reünião adiada para o dia 12, no mesmo local e às mesmas horas.

O Presidente da Assembleia Geral,

(70) *Mário de Souza Menezes.*

CASA para habitação, bem situada, precisa-se.

Nesta redacção se informa. (60)

Dos Livros. Dos Jornais.

Nova Pátria — Recebemos a visita deste novo colega, órgão do Bloco Nacional, que vê a luz da publicidade na capital da República. «Nova Pátria» propõi-se ser o porta-voz dos milhões de portugueses espalhados por todos os cantos do mundo, defendendo a independência e a integridade do Império Português.

Do seu editorial, assinado pelo conhecido propagandista da grandeza e prestígio dos portugueses de tôdas as côres, sr. dr. João de Castro, transcrevemos o seguinte: «... Serão abordados neste jornal, todos os problemas nacionais, o que equivale a dizer que na exposição e apreciação deles o «Nova Pátria» não terá nunca em vista fazer campanhas de retaliações, de exacerbações de ódios, de defesa de interêsses mesquinhos, mas sempre o pensamento superior de contribuír para que em todo o território nacional d'Aquém e d'Além-Mar se entre finalmente num período de efectiva agitação pró-Colónias e pró Pátria, colocando-se na ordem do dia das nossas deliberações os ditos problemas, mobilizando todos os espíritos em tôrno dêles e pugnando enfim para que os acôrdos que hajam de ser feitos no segrêdo das Chancelarias ou urdidas no seio da Sociedade das Nações, para garantir a estabilidade e o equilíbrio internacional, se não realizem à nossa custa, em prejuizo da grandeza do Império e do prestígio da Pátria.

João de Castro.

Ao novo colega desejamos longa vida e muitas prosperidades.

O Serpense — Também recebemos a visita dêste quinsenal republicano, defensor dos interêsses regionais da linda Vila de Serpa (Alentejo).

Concelho de Rio Maior — Igualmente nos visitou êste bem redigido colega de Rio Maior, cujo aspecto gráfico é excelente.

Agradecendo a visita dêstes colegas, vamos autorizar a permuta.

Jornal de Felgueiras — Completou há pouco o seu 24.º aniversário êste nosso prezado confrade que se publica na vizinha e ridente Vila de Felgueiras.

Saüdando o «Jornal de Felgueiras» por mais um ano passado na árdua missão de vida jornalística em defesa da sua terra, desejamos-lhe longa vida e mil felicidades.

A situação aflitiva duma pobre Senhora

Leitores! vinde em seu auxílio

No nosso n.º 164, de 24 de Março, contamos assim, ràpidamente, a triste história duma desventurada Senhora:

Veio à nossa redacção uma pobre senhora — Maria Guiomar Damásio, de 42 anos de idade — que nos fêz um pedido para aqui o transmitirmos aos nossos generosos leitores.

Vinha amparada de sua mãi — uma vèlhinha que tem no rôsto a expressão nítida da dôr — e falou-nos da sua aflitiva situação, o que nos impressionou imenso.

Necessita a desventurada senhora de adquirir uma perna de borracha, que substitua a sua perna direita que perdeu há 24 anos.

O custo da perna é de 1.200$00.

Não é muito, mas para ela é uma importância elevadíssima.

Nós abrimos a subscrição com a quantia de 20$00 e os nossos leitores e amigos vão ajudar-nos — temos disso a certeza — na missão a que nos propusemos.

Transporte . .	475$50
(a) Delfim de Guimarãis. .	20$00
A transportar . .	495$50

(a) Este donativo foi-nos enviado, pelo nosso querido amigo e ilustre colaborador sr. Delfim de Guimarãis, acompanhado da seguinte carta:

«... O nosso *santo-burgo*, tão cheio de religiosidade e de dezenas de *burras abarrotadas*, muito vagaroso caminha ao apêlo do seu «Notícias» para aquela desgraçada que precisa de uma perna de borracha, que substitua a sua perna direita, perdida há 24 anos.

A minha alma profundamente cristã e sem as manchas das *pancadas* de fortes *meias-culpas*, estremece ao ver *semelhante amor* pelo próximo e *cumprimento* à doutrina espalhada pelo Sonhador Rabbi da Galilêa. Pelos pobres tenho espalhado, durante a minha vida, o pouco que tenho ganho, morrendo, quem sabe?, um dia a pedir...

Paciência, também...

Aí lhe envio, de todo o coração, a minha humilde esmola para a ajuda da perna de borracha dessa infeliz mulher.»

VENDE-SE a propriedade da Madre-de-Deus, próxima à Capela, sita na freguesía de Azurém, alodial e que se compõe de diversas casas, eido, alpendre, hortas, campos lavradios e avidados com fruteiras, e uma coutada de mato com carvalhos.

Recebe propostas o solicitador João Couto. (50)

CASA — Alugam-se um segundo e terceiro andares com frentes para a Porta da Vila.

Informa Café Oriental. (57)

EXUMAÇÕES DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranense)

Côrtes

Outrora, em remotíssimos tempos as côrtes chamavam-se *Cúrias* e depois *Concílios*.

Foi Pelágio o primeiro rei que na Península ibérica determinou reünir côrtes para a decisão dos assuntos mais importantes do seu govêrno, instituindo para isso o *Conselho dos Magnates*.

A Lusitânia, quando província romana, já reünia o seu povo em *Assembleias Gerais* nas quais cada cidadão tinha o direito de aprovar ou rejeitar qualquer proposta. Bater com a espada no escudo significava aprovação e o sinal de reprovação consistia na displicência manifestada por um grande sussurro de mal-estar e impaciência.

Depois da conquista dos Godos e Vizigodos, estas reüniões receberam o nome de Concílios nacionais ou provinciais e tinham a assistência dos prelados além da dos nobres e outros seculares.

Em 1093 ordenou o conde D. Henrique, governador do condado Portucalense com sede em Guimarãis, a reünião das suas côrtes na mesma então vila, onde residia, nas quais êle apresentou e foram discutidos os planos da administração dos territórios que lhe haviam sido confiados pelo sôgro, Afonso VI, de Castela.

A elas assistiram *omnes proceres portucalenses*, D. Teresa, espôsa do conde, arcebispo de Braga, D. Geraldo (Santo), outros prelados e nobres.

Conta um erudito escritor nos seus *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga* — monsenhor José Augusto Ferreira — que a estas côrtes tentou assistir um fidalgo por nome D. Egas Maia, excomungado por delito de incesto, que aquele prelado, por isto, o mandou sair da assembleia, pois já o tinha também proíbido anteriormente de assistir à missa preparatória por êle celebrada, na igreja de S. Miguel, que antes da reunião das côrtes, cujo acto ficou constituindo em Portugal, até à proclamação da República, uma praxe; missa a que se dava o nome do *Espírito Santo*.

O conde, vendo que aquele seu vassalo se recusava a respeitar a determinação prelatícia, não a cumprindo, dirigiu-se-lhe juntamente com outros fidalgos e obrigou-o a executar o que lhe tinha sido imposto. Então o dito fidalgo assim compelido cumpriu o que lhe fôra ordenado e terminadas as côrtes, pediu perdão ao arcebispo, reconciliou-se com a Igreja e emendou a vida dissoluta que levava.

Nestas cortes deu o conde foral a Guimarãis.

Depois disto partiu o dito conde, de visita aos *Lugares Santos* com sua mulher D. Teresa — *magni regis Alfonsi filia* — e deu aos cavaleiros da Ordem do *Santo Sepulcro* o campo que estava junto do seu paço.

Afonso III o *bolonhez*, reuniu côrtes em Guimarãis, em 11 de Junho de 1250, dois anos apenas depois de subir ao trono, ás quais estiveram presentes o arcebispo de Braga, D. João Egas, os Bispos do Porto, de Vizeu, de Coimbra, da Guarda e de Lamego, Pedro Julião *archidiaconus bracharensis*, consultor do rei e depois D. Prior da Collegiada da mesma vila de Guimarãis, onde estavam decorrendo as segundas côrtes que nela se reuniam, Francisco Anes Portocarrero, deão da Sé de Braga, que também foi D. Pedro da mesma colegiada, Manfredo, núncio, apostólico, em Espanha, muitos fidalgos — cavaleiros e outras figuras de elevada nobreza e distinção.

Não deve causar estranheza a assistência de tantos eclesiásticos a estas côrtes, visto que os assuntos que nelas se discutiram a êles directamante diziam respeito.

E tanto assim que êles logo no início das côrtes apresentaram ao rei suas reclamações devidamente catalogadas pelos mestres Tomaz, tesoureiro-mor da Sé de Braga, e Ricardo, chantre da mesma, e pelo arcedíago e deão de Lisboa.

Em algumas dessas reclamações era solicitada a observância integral da concordata por êle celebrada em Paris, antes de vir tomar conta do trono português por deposição e morte do seu irmão, e segundo as bulas dos Papas Gregório IX e Inocêncio IV àcêrca das liberdades eclesiásticas e crimes dos malfeitores que infestavam o reino.

Porém o rei esquivou-se como pôde e não cumpriu o que prometera.

O Pontifice, magoado com êste incorrecto procedimento, expediu a bula *De Regno Portugaliae*, relembrando-lhe o que prometera nas reuniões de Paris e Guimarãis e que desse ao clero as devidas satisfações no praso de quatro meses, sob as penas de ser excomungado e de desligar os portugueses do juramento de fidelidade que lhe haviam prestado, isentando-os de lhe reconhecerem autoridade na mais pequena coisa.

Esta questão absorveu os efémeros pontificados de Gregório IX e Adriano IV, protelando se até ao de João XXI que não obstante ser português e muito amigo do rei, — visto ter assistido ás ditas côrtes de Guimarãis e depois exercer o Priorado da colegiada respectiva com o nome de Pedro Julião — mandou executar a dita bula.

O rei — diz um escritor — sofreu por êste motivo tão profundo abalo moral que se recolheu à cama da qual nunca mais se levantou.

Nesta vila nasceu, em 28 de Fevereiro de 1259, a infanta D. Branca, a quinta génita na série dos sete filhos legitimos do 2.º casamento de Afonso III com D. Brites, filha de Afonso X, de Castela, o *sábio*, e de D. Maior Guilhem de Gusmão, não falando nos 9 bastardos que Afonso III tivera. D. Branca foi condessa de Lorvão e depois de Huelgas, em Burgos, na Espanha, onde foi sepultada.

Nascida cinco anos após o casamento de seu pai com D. Brites, chamada a *rabuda* por usar uma cota de rabo, muito em moda naquele tempo entre os nobres fidalgos e princesas, na côrte; era senhora das vilas de Montemor-o-Velho, que lhe dera o pai, e de Campo Maior que lhe doara o irmão D. Diniz e da quinta de Majapão.

Seu pai mandara-a educar esmeradamente e aos 19 anos as religiosas do convento de Lorvão, onde recebia suas instruções educativas, nomearam-na sua *senhora* e protectora, por carta de 8 de Janeiro de 1219, cuja nomeação foi confirmada pelo pai em princípios do ano seguinte, sendo por isso uma das suas abadessas.

Em 1282 D. Branca acompanhou sua mãi a Sevilha, onde ia de visita a seu pai Afonso X, de Castela, que se encontrava doente naquela vila. Desta passou D. Branca para Burgos e tendo adoecido em 1287 fez a promessa de proteger e ampliar o convento de Olgas ou Huelgas, o que fez comprando terrenos que lhe legou por testamento, dando também alguns ainda em sua vida.

Por êsse motivo foi nomeada pela abadessa do mesmo convento *senhora* dele, nele viveu e morreu em 1321. Seu avô materno, deixou-a muito rica, legando-lhe um grande património e juntamente 10 mil libras em dinheiro. Vem a propósito transcrever o documento em que ela foi nomeada *senhora* do convento de Lorvão, o qual encontramos casualmente num livro e que não deixa de ser algo interessante. Por isso vai *ipsis verbis*.

(Continua).

P.e Alberto Gonçalves.